Ruja e faça esses crimes serem conhecidos em todo o mundo

Boletim de Arte Tricontinental n. 6 | Agosto de 2024

Ouça “Chee Lai” [Arise] ou “Marcha dos Voluntários”, gravada em 1941. - Paul Robeson

Divirta-se ouvindo essa música de Paul Robeson “**Chee Lai**” [Arise] ou “Marcha dos Voluntários”, gravada em 1941.

> Destrua os portões de ferro das Concessões!
> Quebrem as portas piedosas das casas missionárias!
> Destrua as portas giratórias das ACM de Jim Crow.
> Esmague os inimigos da terra, do pão e da liberdade!
> Levante-se e ruja, China!
> Você sabe o que quer!

> A única maneira de obtê-lo é
> Tomá-lo!
> Ruja, China!
> — Trecho de “Ruja, China!” (1937), de Langston Hughes

Enquanto estava em Madri, em setembro de 1937, o poeta afro-americano Langston Hughes publicou um poema intitulado “Ruja, China!”. Foi no auge da Guerra Civil Espanhola e apenas dois meses após a ocupação imperialista japonesa na China, que ceifou a vida de 20 milhões de chineses até 1945, quando chegou ao fin. Podemos nos perguntar que conexão Hughes viu entre as lutas contra a segregação racial nos Estados Unidos, as forças nacionalistas de Francisco Franco na Espanha e a invasão em grande escala da China.

Seu poema foi publicado no *Volunteer for Liberty*, um jornal semanal em inglês das Brigadas Internacionais, composto por combatentes de todo o mundo que defendiam a República Espanhola contra o fascismo de Franco. Hughes foi enviado à Espanha como correspondente para cobrir as histórias de voluntários afro-americanos que se juntaram à Brigada Abraham Lincoln. Hughes escreveu em sua autobiografia *I Wonder as I Wander*: “Por que um negro viria para a Espanha para ajudar a resolver os problemas da Espanha – talvez com sua própria vida?” Ele procurou descobrir.

PROVISIONAL

Ministerio de Estado

El Jefe de la Oficina de Prensa

CERTIFICA que Langston Hughes figura inscrito en el Registro de Periodistas Extranjeros de esta Oficina, como corresponsal de "Globe Magazine", "Afro American" de Baltimore, y "Call-Post" de Cleveland.

Valencia, 30 de Julio de 1937.

Registro de Langston Hughes como jornalista na Espanha, julho de 1937.

A invasão da Etiópia pela Itália em 1935 (um dos poucos países africanos que não havia sofrido os estragos do colonialismo europeu) obrigou os afro-americanos a se juntarem às brigadas na Espanha. Eles entenderam que, ao lutar contra Franco, também estavam enfraquecendo o governo fascista da Itália sob o comando de Benito Mussolini. “Ontem, a Etiópia, a Tchecoslováquia – hoje, a Espanha – amanhã, talvez os Estados

Unidos. O fascismo não vai parar em lugar nenhum – até que nós o paremos", disse-lhe um voluntário. Aproveitando a deixa, Hughes estendeu o tema da luta antifascista para a Ásia.

Em seu poema, Hughes conclama o povo chinês a "rugir" e, simultaneamente, esmagar as leis Jim Crow dos EUA e as concessões da China – as áreas controladas pelos europeus da Xangai semicolonial. Ao visitar a cidade em 1933, Hughes testemunhou como o colonialismo traçou "uma linha de cor contra os chineses na própria China", delimitando áreas, desde edifícios até parques, apenas para europeus – em paralelo à segregação racial em seu próprio país. Ficou claro que o racismo contra os "povos mais escuros do mundo" estava intrinsecamente ligado ao colonialismo e ao fascismo.

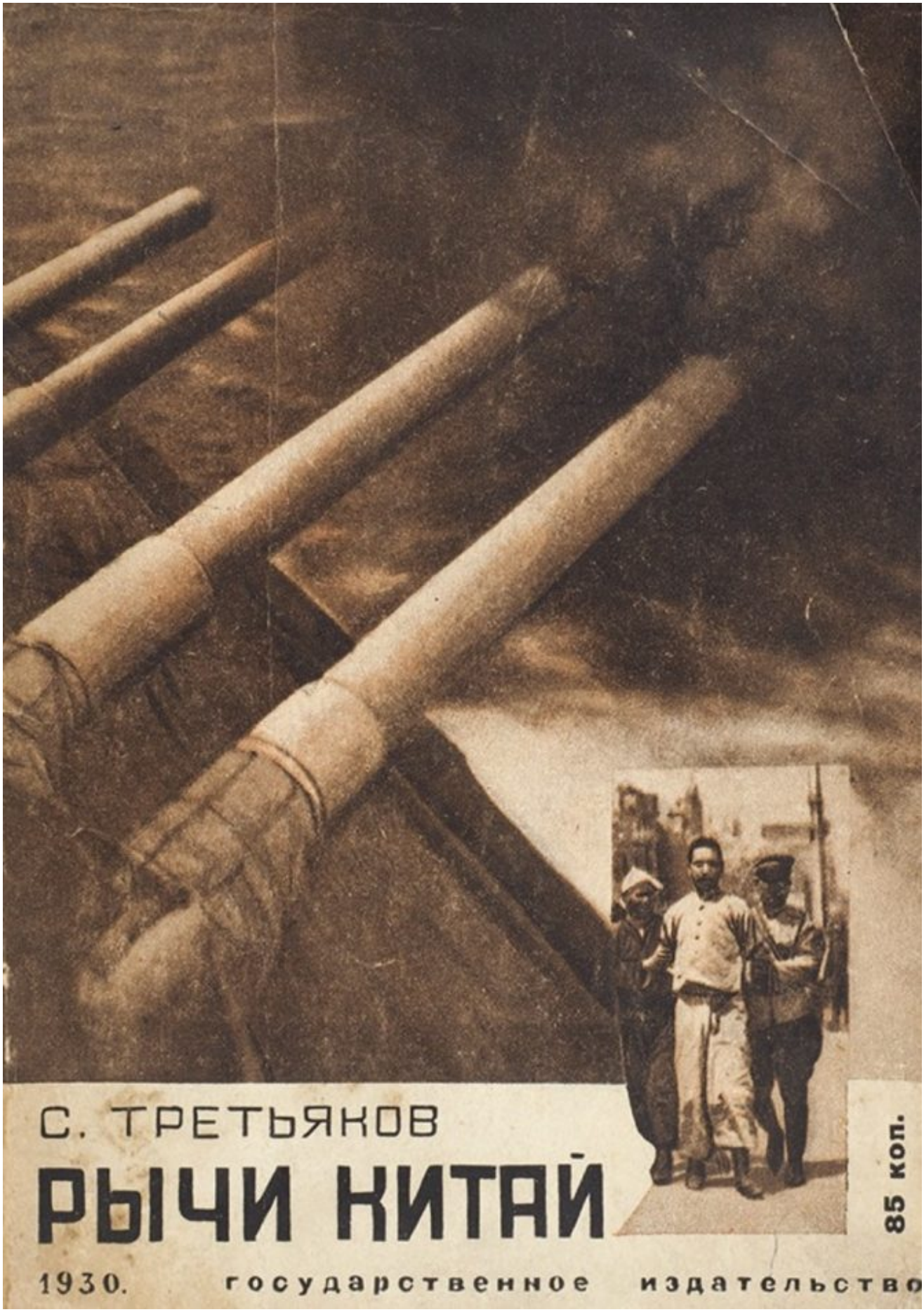
Vivendo entre os brigadistas internacionais, escritores e artistas espanhóis de vanguarda, comunistas e anarquistas, Hughes aprofundou sua solidariedade antifascista, tanto em sua poesia quanto em sua política, que ultrapassou fronteiras raciais, nacionais e linguísticas. Assim como Hughes, inúmeros escritores e artistas se juntaram à batalha de ideias e de trincheiras.

¡No pasarán! [Não passarão!] durante a Guerra Civil Espanhola, década de 1930. Crédito: Wikimedia Commons.

A estratégia da Frente Popular resultante do sétimo congresso da Internacional Comunista em 1935 era unificar as forças antifascistas do mundo, desde os liberais progressistas até os comunistas. Isso incluía apoio material, como a assistência soviética e a organização de brigadas internacionais na Espanha, e a promoção da

cultura antifascista e de redes intelectuais, tendo Hughes como uma das figuras de destaque.

No mesmo ano, a Associação Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura foi criada em Paris para reunir intelectuais comprometidos com o uso da cultura na luta antifascista internacional. Falando na reunião de 1938 da associação, Hughes afirmou que os melhores poemas deveriam "combinar música, significado e clareza em um padrão de força social". Seu poema "Ruja, China!" incorpora a capacidade única da cultura de transformar os corações e as mentes das pessoas e mobilizá-las em uma força social. Ele não foi, no entanto, o primeiro a invocar o rugido da China em uma produção artística.


С. ТРЕТЬЯКОВ
РЫЧИ КИТАЙ
1930. государственное издательство
85 коп.

Poster of Sergei Tretyakov's *Ruja, China!*, 1930. Crédito: Editora Estatal da República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR).

Em meados da década de 1920, Sergei Tretyakov, jornalista e dramaturgo de vanguarda russo, passou dois anos na China, ensinando literatura russa na Universidade de Pequim e escrevendo reportagens para o *Pravda*, o jornal do Partido Comunista da União Soviética. Quando soube que dois barqueiros chineses foram executados pelos britânicos depois que um empresário estadunidense foi encontrado morto na China, Tretyakov escreveu a peça "*Ruja, China!*", aplicando seu método de "factografia" para representar a realidade em uma obra de arte. Tretyakov, de acordo com o crítico cultural Walter Benjamin, era exemplo de um "escritor operacional" cuja "missão não é relatar, mas lutar; não é bancar o espectador, mas intervir ativamente". Como socialista, Tretyakov escreveu não apenas para contar uma história, mas para expor ao mundo a brutalidade da "diplomacia das canhoneiras" britânica e a realidade semicolonial da China. Ele escreveu para intervir na história.

A peça de Tretyakov foi encenada em Moscou em 1926 e, quatro anos mais tarde, tornou-se uma produção da Broadway por Herbert Biberman, um roteirista comunista dos EUA que, mais tarde, foi perseguido e preso sob o macartismo. A produção de Biberman, *Ruja, China!*, contou com um elenco principalmente asiático-americano de trabalhadores imigrantes, uma abordagem de elenco semelhante à que ele usou mais tarde em seu célebre filme de 1954 sobre mineiros mexicano-americanos, *Salt of the Earth* [Sal na terra]. A caminho do México, o cineasta soviético Sergei Eisenstein participou do show de abertura. Dois anos depois, Langston Hughes, que também assistiu à produção da Broadway, conheceu Tretyakov pessoalmente em sua visita à União Soviética, que o presenteou com "um pôster enorme, mostrando um coolie chinês gigantesco quebrando suas correntes", lembrou o poeta em sua autobiografia. O pôster era uma impressão do famoso artista chinês de xilogravura Li Hua, com o título inscrito em inglês: "Ruja, China!

Ruja, China! Produção da Broadway, Nova York, 1930. Crédito: Biblioteca Pública de Nova York.

A peça de Tretyakov foi levada a muitos lugares, como a Indian People's Theatre Association. Em 1942, a peça foi adaptada para a luta contra o fascismo japonês na Ásia, e as figuras americanas e inglesas foram substituídas por personagens japoneses. Conforme observado na introdução da publicação, essa peça "antifascista" foi planejada para ser apresentada a públicos de trabalhadores e camponeses e para mostrar as

ligações entre as realidades chinesa e indiana. Depois de traduzida para quase uma dúzia de idiomas indianos, a peça fez uma turnê pelo país. Além da Índia, a peça chegou a ser apresentada em iídiche em um campo de concentração nazista na Polônia em 1944.

Na cena final de *Ruja, China*, devido à crescente revolta no pano de fundo da história, o carrasco japonês se retira pouco antes de puxar o gatilho contra os inocentes barqueiros chineses. Em sua defesa, a multidão de trabalhadores que os observa proclama: "Ruja, China! Ruja aos ouvidos de todo o mundo. Que esses crimes sejam conhecidos em todo o mundo. Ruja!" De fato, em suas múltiplas versões – de gravuras em xilogravura a peças teatrais, de shows da Broadway a poemas – o rugido da China ressoou entre os oprimidos, os colonizados e os que lutavam contra o fascismo em todo o mundo.

Li Hua (China), *Ruja, China!*, 1935.

Um século depois, quando as forças de direita e neofascistas voltam a se manifestar, onde está o nosso rugido coletivo em todo o mundo e como os artistas estão se mobilizando para resistir a essa maré crescente? Nosso último dossiê, ***O avanço do neofascismo e os desafios da esquerda na América Latina*** tenta abordar exatamente isso. Incluímos na publicação obras de arte de artistas latino-americanos e caribenhos que retrataram as realidades do neofascismo. Conversamos com alguns dos artistas brasileiros para saber mais sobre seu trabalho.

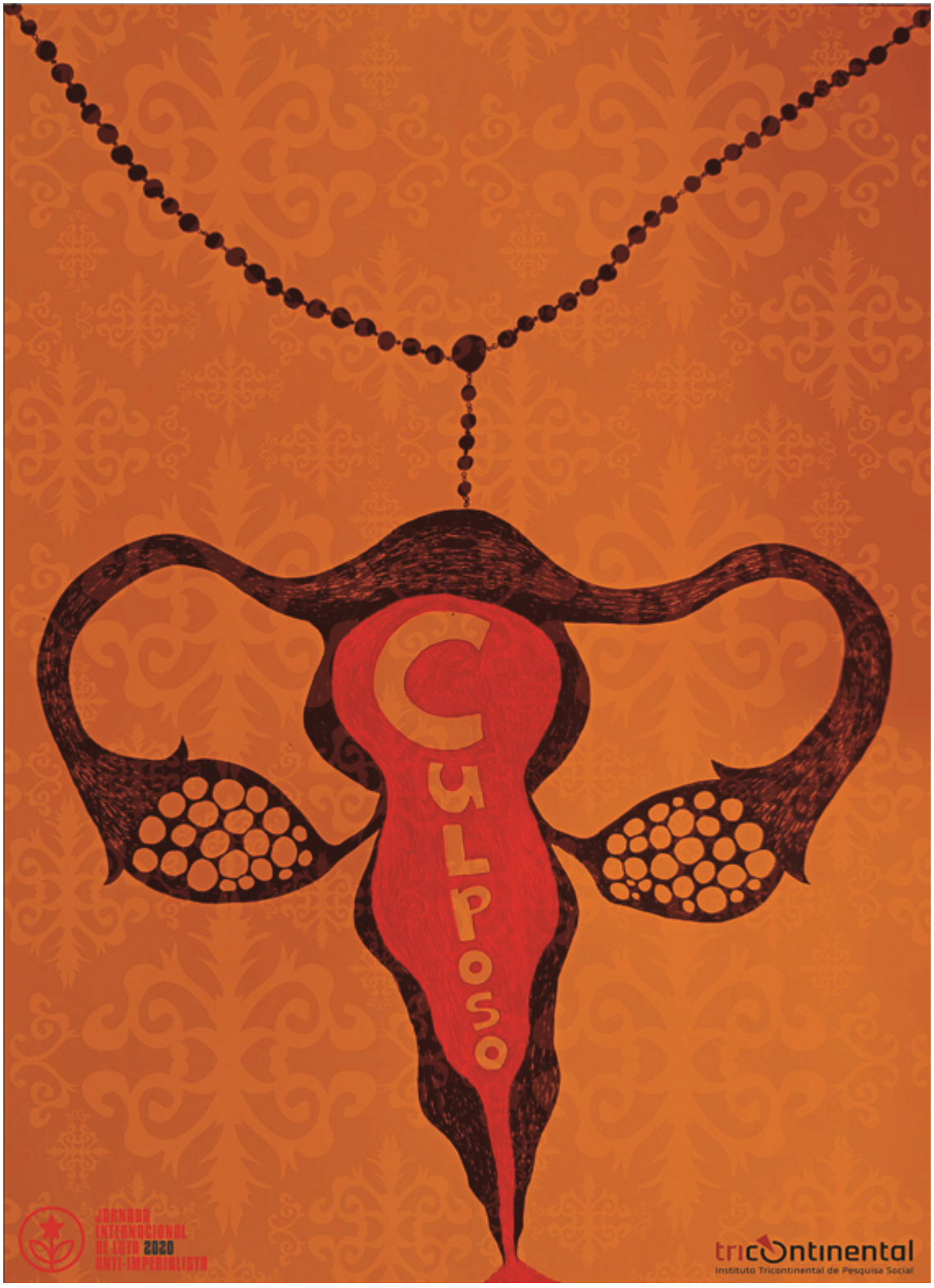
Túlio Carapiá e **Clara Cerqueira** (Brasil), *Guerras Híbridas*, 2020.

Relembrando seu trabalho criado em 2020, Túlio Carapiá e Clara Cerqueira lembraram,

> vimos a consolidação da ascensão da extrema direita em nosso país com a eleição de Jair

> Bolsonaro (…) Além disso, nós acompanhamos o processo de boicote às eleições venezuelanas por parte da direita, o golpe de Estado na Bolívia contra Evo Morales e a dura repressão aos protestos no Chile contra a constituição implementada durante a ditadura de Pinochet – em claras demonstrações do avanço do conservadorismo e da extrema direita por vias antidemocráticos em toda a América Latina.

A resposta imediata de Carapiá e Cerqueira às "manobras insidiosas do imperialismo, por meio de notícias falsas, discursos de ódio, religiões evangélicas e todo tipo de propaganda enganosa" foi "falar" e criar arte que analisa a realidade e a coloca em diálogo com outras perspectivas. "Acreditamos que a coletividade é a única forma eficaz e duradoura de aprendizado, resistência e sobrevivência".

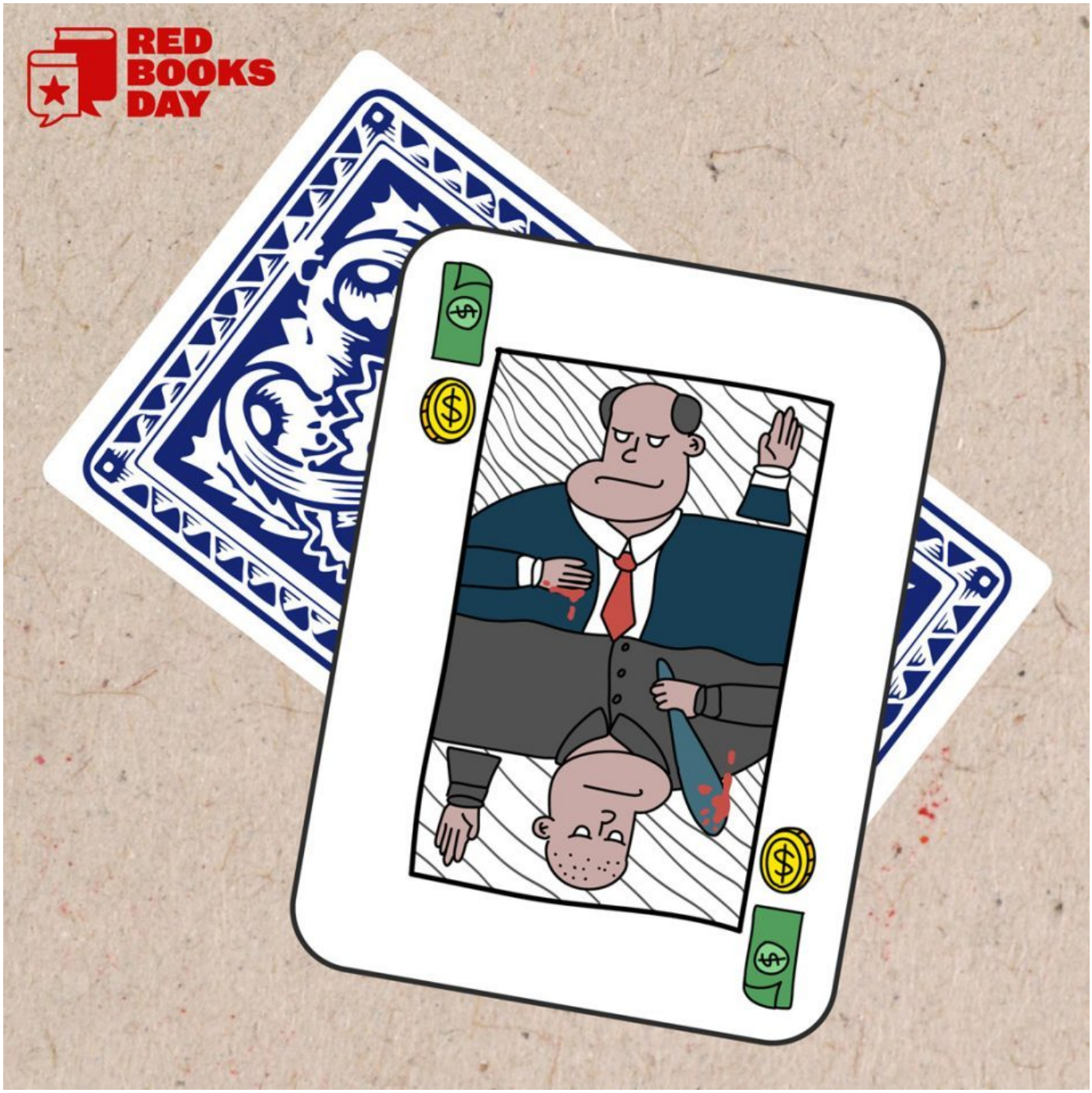


Luciléia da Silva Vieira (Brasil), *Estupro "culposo"*, 2020.

Feito no mesmo ano, o trabalho de Luciléia da Silva Vieira foi "criado a partir de profunda indignação" depois que um réu no Brasil foi absolvido de acusações de estupro por ter sido considerado "não intencional". Quando perguntamos sobre as táticas da extrema direita que atacam os direitos reprodutivos, promovem

estruturas familiares heteronormativas “tradicionais” e espalham o medo da chamada “ideologia de gênero”, ela respondeu: “Esse ódio é um projeto, e o fundamentalismo está no centro desse discurso opressor contra as mulheres”. Para ela, diante desse projeto de ódio, a arte visual, como linguagem, “tem o poder de se comunicar, provocar reflexão e criar impactos profundos” .

Em outras notícias…



Pôster do Dia do Livro Vermelho para Agosto por **Salvatore Carleo** (Itália/Potere al Popolo).

O livro vermelho do mês é *Spisi o suvremenom kapitalizmu [Escritos sobre o capitalismo moderno]*, do sociólogo esloveno Rastko Močnik. Na obra de arte inspirada no livro, Salvatore Carleo representa o fascismo histórico

e o neofascismo contemporâneo como reis espelhados em cartas de baralho, com seus paralelos e distinções.

Dani Ruggeri com a capa de *El Otro Lago*.

Em uma nota final e especial, Dani Ruggeri, do nosso departamento de arte, acaba de publicar sua segunda história em quadrinhos infantil de fantasia e aventura com Maten al Mensajero. ***El Otro Lago*** [O outro lago] se passa em um bairro de classe trabalhadora na periferia de Buenos Aires, Argentina. Para Dani, essa história em quadrinhos tem a ver com a ampliação de histórias das margens, que muitas vezes são retratadas pela pobreza e pelas dificuldades, e não por sua poesia e possibilidades.

Cordialmente,

Tings Chak

Diretora de arte do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social